

**ENTRE FIOS DE MEMÓRIA E RESISTÊNCIA:
Escrevivência/Exprevivência de professoras pretas do Parfor
BETWEEN THREADS OF MEMORY AND RESISTANCE:
Writing/Experience of Black Female Teachers from Parfor**

Aline Pereira Botelho dos Santos 1

Renata Melo Rocha 2

Patricia Bastos de Azevedo 3

RESUMO: O presente artigo investiga as trajetórias formativas de mulheres pretas egressas do Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor/UFRRJ), compreendendo suas memórias e narrativas como práticas políticas e epistemológicas de ‘reexistência’. Ancorado aos conceitos de Escrevivência de Conceição Evaristo (2018), nas Memórias Subterrâneas de Pollak (1989) e no Paradigma Indiciário de Carlo Ginzburg (1992), o estudo propõe uma metodologia que articula escuta sensível, ancestralidade e ética do afeto como fundamentos da pesquisa em educação. As Escrevivências das professoras revelam modos de resistência e produção de saber que tensionam as estruturas eurocêntricas da universidade e da formação docente. Ao narrarem suas experiências, essas mulheres reconstroem o próprio lugar de fala, transformando o vivido em verbo político e a dor em conhecimento. Tal movimento constitui o que denominamos como Exprevivência, conceito cunhado por uma das autoras e derivado da Escrevivência - entendido como expressão coletiva de resistência que une experiência, vivência e ancestralidade. Os resultados apontam que as Escrevivências e Exprevivências das egressas do Parfor/UFRRJ constituem epistemologias próprias, fundamentadas na ancestralidade e na memória coletiva. As professoras negras, ao narrarem suas trajetórias, deslocam o olhar sobre o que é considerado “científico” e reposicionam o corpo e a emoção como fontes legítimas de saber. Suas histórias reafirmam que a docência é também um ato político, e que a universidade precisa aprender a ouvir o que antes “classificava como ruído”. As vozes dessas educadoras pretas rompem silêncios históricos, constroem novas epistemologias e afirmam a ancestralidade como categoria formadora. A partir delas, a educação se refaz como território de reexistência, onde memória, palavra e afeto se tornam ferramentas de libertação e de construção de um futuro mais justo e plural.

1 Doutoranda na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, Brasil. Mestre em Educação formada pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Especialização em Alfabetização e Letramento por meio da Faculdade Signorelli e Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (2015). ap.botelho@yahoo.com.br

2 Doutora e Mestra em Educação pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Pós-graduada em Psicopedagogia pela Universidade Cândido Mendes (2013) e Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal Fluminense (2011). renatarosjm@gmail.com

3 Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2011). Atualmente é professora Adjunta da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Possui graduação em Pedagogia (1995), graduação em História (1998) e mestrado em Educação pela Universidade Federal Fluminense (2003). patriciabazev@gmail.com

Palavras-chave: Memória; Escrivência; Formação de Professoras; Parfor.

ABSTRACT: This article investigates the educational trajectories of Black women who graduated from the National Program for the Training of Basic Education Teachers (Parfor/UFRRJ), understanding their memories and narratives as political and epistemological practices of ‘reexistence.’ Anchored in Conceição Evaristo’s concept of *Escrivência* (2018), Pollak’s *Subterranean Memories* (1989), and Carlo Ginzburg’s *Clues Paradigm* (1992), the study proposes a methodology that integrates sensitive listening, ancestry, and the ethics of care as foundations for educational research. The *Escrivências* of these teachers reveal modes of resistance and knowledge production that challenge the Eurocentric structures of the university and teacher education. By narrating their experiences, these women reconstruct their own speaking positions, transforming lived experience into political action and pain into knowledge. This process constitutes what we term *Exprevivência* — a concept derived from *Escrivência* and expanded, understood as a collective expression of resistance that unites experience, lived reality, and ancestry. The findings indicate that the *Escrivências* and *Exprevivências* of Parfor/UFRRJ graduates constitute their own epistemologies, grounded in ancestry and collective memory. By recounting their trajectories, Black teachers shift perspectives on what is considered “scientific” and reposition the body and emotion as legitimate sources of knowledge. Their stories reaffirm that teaching is also a political act and that the university must learn to listen to what it once classified as noise. The voices of these Black educators break historical silences, construct new epistemologies, and assert ancestry as a formative category. Through them, education is reshaped as a territory of reexistence, where memory, speech, and affect become tools for liberation and the construction of a more just and plural future.

Keywords: Memory; *Escrivência*; Teacher Education; Parfor.

INTRODUÇÃO

Em ‘Diário de uma Favelada’ a autora Carolina Maria de Jesus (1960) anuncia “A menina conhece as letras e os números, mas não sabe formar palavras. Quando escreve, ela põe qualquer letra que lhe vem à mente. Mistura números e letras” (Jesus, 1960, p. 97–98). Essa cena de escrita “quebrada e inventiva” inaugura o horizonte que guia este estudo: compreender como mulheres pretas periféricas, historicamente negadas pelas estruturas do saber, reinventam a linguagem, a docência e a si mesmas. É desse lugar entre fraturas e potências que nasce este artigo: ancorado ao desenvolvimento de uma pesquisa de

mestrado, cujo os eixos Memórias, Escrevivências e Exprevivências⁴ circunscrevem metodologicamente a investigação supramencionada. A pesquisa sobre a qual faremos referências no âmbito metodológico investigou as narrativas de quatro professoras pretas egressas do Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica - Parfor/UFRRJ, por meio de encontros intitulados 'rodas de afeto'. Tal experimental metodológico oportunizou reflexões que detalharemos mais adiante, no que confere à potencialidade em entender os processos formativos de mulheres pretas, através de um caminho metodológico regido por uma perspectiva dialógica e diaspórica.

Partimos da compreensão de que a memória, longe de ser mero arquivo do passado, é força ativa de construção do presente. Ela se manifesta como um conjunto de rastros, fragmentos subterrâneos que resistem ao apagamento e reivindicam a autoria de quem narra. Ancoradas em Pollak (1989) e Conceição Evaristo (2018), as reflexões aqui tecidas compreendem que as memórias subterrâneas e a Escrevivência são estratégias de sobrevivência e de reexistência que transformam o vivido em verbo político, como marcas da produção de saber. Trata-se, portanto, de um estudo que privilegia a escuta sensível e o olhar atento, buscando não verdades absolutas, mas sentidos em formação. Especificamente, refletiremos neste artigo como os conceitos de Escrevivência e Exprevivência constituem-se como práticas de 'reterritorialização simbólica' e 'cura identitária'. Ademais, o trabalho visa identificar como memórias subterrâneas podem dialogar com políticas públicas de formação docente, propondo caminhos para uma pedagogia que reconheça memória, corpo, emoção e ancestralidade como fundamentos legítimos da formação. Vale ressaltar que as escolhas do recorte metodológico da pesquisa referendada e também deste artigo nascem das próprias lacunas e fissuras que atravessam a história da educação brasileira. As mulheres pretas, apesar de representarem a base da escola pública, continuam invisibilizadas como produtoras de conhecimento. Enfrentam o racismo institucional, o machismo epistêmico e o constante questionamento de sua

⁴ O conceito foi cunhado pela pesquisadora Aline Pereira Botelho dos Santos na pesquisa "Caminhos entrelaçados na Escrevivência: a trajetória de mulheres pretas egressas do PARFOR/UFRRJ", defendida em 2022 no Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

competência intelectual - expressões de um sistema patriarcal em que mulheres negras são cortadas por diversos ‘epistemicídios’⁵.

Desse modo, trazemos a memória como ferramenta de insurgência e reconciliação. Para tal, apresentamos as ‘rodas de afeto’ – etapa final do instrumental metodológico da pesquisa de dissertação referendada. Nelas, houve o intento de discutir como professoras pretas egressas do Parfor/UFRRJ não apenas denunciam o silenciamento histórico, mas também o transmutam por meio dos atos da Escrivivência e da Exprevivência. Este artigo se inscreve, portanto, no campo da formação docente como gesto político e afetivo. Busca evidenciar que a formação não se limita à técnica ou à teoria institucionalizada, mas se faz também no entrelaçamento das experiências, nas trocas cotidianas e nas dores compartilhadas. Pretende-se demonstrar que a memória é mais do que lembrança: é prática de reexistência, é travessia. Quando as professoras pretas do Parfor narraram suas histórias, elas rasgaram o silêncio e anunciaram outras possibilidades de ser docente, mulher e preta em um país que insiste em negar-lhes o direito à autoria.

MEMÓRIAS QUE (RE)EXISTEM

A escrita de Carolina Maria de Jesus apresentada em trechos introdutórios incomoda por ser genuinamente símbolo das dificuldades e das potências de tantas meninas negras que aprenderam a escrever, mesmo quando o mundo insistia em negar-lhes o direito à palavra. Essas memórias de luta e superação atravessam o tempo e se refletem nas trajetórias das professoras pretas periféricas do Parfor, participantes de uma pesquisa de mestrado. Tomaremos tal pesquisa como um apoio para pensarmos na potência em ter a memória como eixo central de pesquisas qualitativas que discutam a formação de professoras no Brasil. Ao trazermos as histórias de mulheres historicamente invisibilizadas em pesquisas acadêmicas, compreendemos que a memória é também um ato político. Como afirma Berth (2018), o empoderamento é um processo de ação social no qual os sujeitos tomam posse de suas vidas, a partir das interações e da construção de

⁵ Destruição sistemática de conhecimentos, saberes e formas de pensar que não se encaixam na cultura ocidental hegemônica, frequentemente ligada a processos misóginos, coloniais e racistas.

pensamento crítico. Nesse horizonte, o Parfor atuou como território de reexistência e reparação, onde mulheres negras, muitas vezes silenciadas pelo racismo estrutural, encontram na educação a possibilidade de transformar a si mesmas e suas comunidades.

Para compreender essas trajetórias, a referida dissertação trabalhou a partir da coleta de memórias suscitadas em ‘rodas de afetos’ – encontros estabelecidos com as participantes para socialização de histórias de vida por meio da oralidade. Em tais encontros foram evocadas diferentes etapas vivenciadas pelas participantes, perpassando pelo ingresso na universidade pelo Parfor e os desafios vivenciados no mercado de trabalho, após finalização da graduação. Para análise, a pesquisa teve como tripé metodológico a Escrivivência cunhada por Conceição Evaristo (2018), o paradigma indiciário de Ginzburg (1992) e o conceito de memórias subterrâneas concebido por Pollak (1989). Tal tríade permitiu pensar a memória não apenas como lembrança, mas como evidência, rastro e insurgência.

A memória subterrânea, como descreve Pollak (1989) é a voz dos que foram silenciados, isto é, o registro das histórias de vida que o Estado e a historiografia oficial tentaram apagar. Assim, ao escutar as narrativas das egressas do Parfor, o experimental metodológico teve como objetivo capturar fragmentos que, unidos, revelaram o mapa invisível de resistências cotidianas. Do mesmo modo, a compreensão do dito pelas egressas como Escrivivências reconfigurou o ato de dizer como forma de inscrição no mundo. De acordo com a pesquisa referendada, as professoras pretas do Parfor escreveram e reescreveram suas histórias, transformando feridas em palavras, silenciamentos em narrativas, e ausências em presença. Essa escrita de si, tecida pela oralidade e pela memória, é uma prática de cura e de desterritorialização simbólica, como destaca uma das egressas em trecho:

São tantas coisas, tantas saudades. Poderia citar as aulas, os passeios, as apresentações, as aprendizagens. Mas, acho que toda turma foi afetada pelo infarto de uma colega que aqui está. Ela era nosso retrato, mãe solo, docente e guerreira. Não importa o que tinha fora da Universidade, ela tinha que dar conta. Ela tinha que ser mulher! (Santos, p. 50, 2022).

Já o Paradigma Indiciário de Ginzburg (1992), apresentou-se no experimental metodológico da pesquisa referendada como uma “lente” que amplia o que se encontra nas entrelinhas das narrativas das egressas. Assim como o caçador ou o médico, através do Paradigma Indiciário o pesquisador se atenta aos vestígios e sinais que revelam o que as fontes tentam ocultar, afinal, na micro-história, o detalhe é potência. Nesse sentido, cada emoção, pausa ou hesitação nas falas das egressas revelou-se como uma pista que desvela não apenas a subjetividade da narradora, mas o contexto social e político que a atravessa, assim como quando um griô nos conta um caso ocorrido em seu território, dando-nos os mínimos detalhes poéticos.

Desse modo, o experimental metodológico converge para o que chamamos de epistemologia da ‘escuta sensível’ - um modo de fazer pesquisa comprometido com a ancestralidade e com a ética do afeto. Escutar as narrativas das egressas consistiu em acolher suas dores e conquistas, suas experiências, suas tentativas, seus entraves, suas mobilidades, e também reconhecer que a pesquisa é um território de partilha, não de hierarquia. Desse modo, foi possível à pesquisadora identificar como cada egressa reagiu ao receber o e-mail de convocação do Parfor, reconhecendo o como cada uma experimentou sentimentos como alegria, incredulidade e medo. Por meio do uso do Paradigma Indiciário de Ginzburg (1992), tais emoções que são também memórias corporais, marcas deixadas por um sistema que insiste em ‘dizer’ que esses espaços não lhes pertenciam, puderam ser captadas e analisadas pela pesquisadora.

Logo, a memória, nesse contexto, não foi apenas uma lembrança e sim reivindicação de pertencimento. A análise apurada das narrativas das egressas, por meio do experimental metodológico revelou enfrentamento ao racismo estrutural e epistêmico, o mesmo que Gonzalez (1979) denuncia como forma de genocídio simbólico da população negra. A síndrome da impostora, tantas vezes presente nas falas dessas mulheres, se ‘desmancha’ na partilha coletiva, isto é, no sonho de uma tornar-se o quilombo de muitas. A potência em ter a memória das professoras como eixo central de pesquisa sobre formação de professoras não é um mero registro do passado, mas um ato contínuo de resistência e reconstrução da professora no presente. As memórias ecoam e fomentam a

pesquisa científica, mesmo que advindas de contextos distintos - partilham o gesto de transformar a dor em palavra e a palavra em libertação.

Nesse sentido, as memórias das egressas não se revelaram apenas como trajetórias individuais, mas como expressões coletivas de um passado que insiste em emergir: memórias subterrâneas que sobrevivem à margem da história oficial, guardando as vozes e experiências que o poder tentou apagar. Trabalhar com tais memórias é uma escolha política e epistemológica que anseia que o ‘subsolo da história fale’, que os silêncios sejam traduzidos e que os rastros do vivido se tornem parte legítima de pesquisas sobre formação de professoras em nosso país. Ao se trabalhar com as memórias subterrâneas, reconhece-se que as narrativas das egressas não são relatos marginais, mas atos de insurgência. São histórias que desafiam o pacto da branquitude - hierarquias raciais ao preservar os privilégios brancos e naturalizar a exclusão dos demais.

A escolha metodológica aqui discutida optou por ouvir as vozes subterrâneas de professoras pretas, oriundas de espaços periféricos, desvelando o que a branquitude insistiu em enterrar: a inteligência, a sensibilidade e a ancestralidade negra como fundamentos de uma outra epistemologia. A ancestralidade é, portanto, um antídoto contra o epistemicídio, pois devolve às pessoas negras o direito de narrar-se a partir de si, e não a partir do olhar colonizador. Acreditamos, portanto, que ter memórias subterrâneas como centralidade de uma pesquisa acadêmica seja também o compromisso com a valorização da ancestralidade como princípio educativo e científico. Trata-se de reconhecer que a construção do conhecimento se escreve também pelo corpo daquelas que foram sistematicamente deslegitimadas pela modernidade colonial.

EXPREVIVÊNCIAS/ESCREVIVÊNCIA: A MISTURA DO FLUXO DE MUITAS VOZES

“Do que ouvi, colhi histórias. Nada perguntei. Uma intervenção fora de hora pode ameaçar a naturalidade do fluxo da voz de quem conta. Acato as histórias que me contam. Do meu ouvir, deixo só a gratidão e evito a instalação de qualquer suspeita. Assim caminho por entre vozes”.

Conceição Evaristo

As memórias subterrâneas, ao revelarem o que foi silenciado pela história oficial, nos conduzem inevitavelmente ao gesto de escrever sobre o vivido, um gesto que Conceição Evaristo (2018) nomeia como Escrivivência. Pollak (1989) nos ensina a escutar o que o poder tentou calar, Evaristo (2018) nos convida a escrever o que o silêncio tentou engolir. Ambas as perspectivas se entrelaçam à discussão aqui apresentada por ‘escutarem’ as memórias das professoras, reconhecendo nelas o movimento de quem escreve a própria existência como forma de libertação. Logo, nesse ‘entrelugar’ a memória e escrita tornam-se atos políticos de insurgência contra o esquecimento e o apagamento das subjetividades negras. A metodologia das memórias subterrâneas, ao abrir espaço para as vozes marginalizadas, cria o terreno fértil onde a Escrivivência germina. O que antes estava sob a terra, oculto, negado e invisibilizado, agora floresce em palavras que têm corpo, cor, gênero e história. A escuta das narrativas das egressas se transformou ao longo da pesquisa referendada, em escrita encarnada, em experiência de si e do coletivo, confirmando o que bell hooks (2013, p.15) infere: “a teoria, quando nasce da dor e do vivido, torna-se um lugar de cura”. A escrevivência, nesse sentido, é continuidade e expansão das memórias subterrâneas, traduz em linguagem o que a memória denuncia em gesto e emoção. Ao aproximar essas duas metodologias, compreendemos que tanto Pollak (1989) quanto Evaristo (2018) desafiam a lógica eurocentrada da produção do conhecimento. Um denuncia o silenciamento imposto; a outra o transforma em VERBO. Seria essa uma nova epistemologia de rompimento com o pacto da branquitude que sustenta o epistemicídio e se torna um reconhecimento da ancestralidade?

Falemos sobre Escrivivência, termo desenvolvido pela professora doutora Conceição Maria Evaristo ou como é mais conhecida Conceição Evaristo. Para que tratemos sobre o conceito é preciso que façamos antes um breve resumo de quem o cunhou: Maria da Conceição Evaristo de Brito. Nascida em Belo Horizonte, Minas Gerais, no dia 29 de novembro de 1946, em uma família pobre que vivia na zona sul da capital mineira, conseguiu concluir seus estudos no Curso Normal aos 25 anos, conciliando a vida acadêmica com o trabalho como doméstica. Formada, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde passou em concurso público para o magistério. Complementando sua formação, cursou Letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Trazer Conceição

Evaristo para representar mulheres negras como elemento metodológico usando seu conceito de Escrivivência é genuinamente um movimento desafiador, de luta e de resistência para uma discussão vitalícia, alegre, instável e em constante movimento. A primeira vez que surge o conceito de Escrivivência foi em sua dissertação de mestrado no ano de 1995. Evaristo, naquele momento tinha sua ideia apenas atrelada à arte literária e segundo a autora, Escrivivência não tinha a pretensão de se tornar uma teoria/conceito/metodologia. Entretanto, o conceito cresce, evolui e com o tempo rompe os muros da Universidade ganhando múltiplos sentidos e representando vozes ‘marginalizadas’ por um sistema aniquilador. Por meio da Escrivivência entendemos que toda mulher negra é uma revolução! Segundo a autora, a genealogia do termo tem um fundamento histórico, pois está diretamente ligado à escravização dos negros que foram trazidos para o Brasil. Com jogos de palavras, dramaticidade, a autora extrapola os limites da literatura, como uma ficção real. Nesse sentido, escrevivência é a escrita de um corpo, de uma condição e de uma experiência de Mulher negra no Brasil:

Escrivivência, em sua concepção inicial, se realiza como ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita nos pertence também. Pertencem, pois, nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e nossos ancestrais (Lima e Nunes, 2020, p. 30).

A partir dessa ótica, podemos dizer que o epicentro do conceito de Escrivivência consiste no corpo, na subjetividade, isto é, no grande fluxo e entrecruzamento das experiências de Mulheres Pretas. Logo, a Escrivivência vai sendo conceituada no coletivo, na medida em que as apropriações são feitas, pois a escrevivência desliza da escrita de si e esparrama no sujeito ao falar de si. Automaticamente ela falará do outro, em um agenciamento coletivo. Sobre isso Conceição destaca que

são personagens ficcionalizados que se con(fundem) com a vida, essa vida que eu experimento, que nós experimentamos em nosso lugar ou vivendo con(fundido) com outra pessoa ou com o coletivo, originalmente de nossa pertença (Evaristo, 2018, p. 31).

Ademais, é fundamental destacar que Evaristo (2018) seduz os leitores por meio de uma dança das palavras que retrata a contemporaneidade, faz eclodir afetos, traz à tona questões muitas vezes não ditas, além de desconstruir uma ideia formada de um gênero literário. Livia Natália (2023) afirma que escrever não é apenas articular palavras no papel, é inscrever traços de vida e isso a autora apresenta em seus textos, pois sua sensibilidade ímpar que permitem olhares mais densos e profundos sobre a realidade contida nos traços de tantas mulheres Pretas se esparrama e cria a escrevivência”. Tom Farias (2017) nos convoca a uma reflexão sobre a autora:

Conceição Evaristo é mágica, tem o condão de transformar as suas chamadas escrevivências numa “escrevivência” de emoções coletivas- esse afeto que me afeta e que afeta a todos, por assim dizer, mulheres e homens, jovens e adultos, nesse Brasil dos muitos brasis. Esta escrita-manifesto, de linguajar urdido da semente das palavras- que tem germinado em terras ditas antes inférteis -, é a barricada do delito dos tempos verbais, significado da própria criatura que subverteu o destino, e, através do seu lugar de fala, posta com vísceras, infere suas memórias de mistura com sua condição de menina mulher preta- as joanas, ainás, dandaras, sabinas, mahins, carolinas (Tom Farias, 2018, p.14).

Dessa forma, o conceito Escrevivência traz dentro de si um ‘brutalismo poético’ que denuncia as injustiças por meio de uma linguagem encantadora, uma escrita viva e sentida, uma escrita de nós, sobre nós. A autora afirma que nada que escreve é inocente, pelo contrário é tudo bem pensado, mastigado, sentido. Pode se comparar a um sangrar político. Não existe separação entre a escritora e cidadã, são uma só e isso contamina qualquer assunto que ela se debruce. Talvez por isso que muitos não validem sua importância para Universidade, cancelando essa construção diaspórica e não valorizando a reparação do movimento político de enunciar os gritos de liberdades insurgentes. Nessa perspectiva sobre reparação, recorro à Grada Kilomba

Reparação então significa a negociação do reconhecimento. O indivíduo negocia a realidade. Nesse sentido, é o ato de reparação do mal causado pelo racismo através da mudança das estruturas, agendas, espaços, posições, dinâmicas, relações subjetivas, vocabulário, ou seja, através do abandono de privilégios (Kilomba, 2020, p. 10).

Nesse ato de borrar, de desfazer uma história única contada a séculos a Escrevivência

surge para acordar a voz daqueles cujas histórias não tinham validade ou consideradas insignificantes. O conceito traz em seu gene, a experiência/vivência de nossa condição de mulher negra por meio de uma humanidade dos personagens. Assim, inspirada na Escrivência de Evaristo (2017), surge o conceito de Exprevivência, criado por uma das autoras, como uma ampliação das possibilidades de narrar e existir. Para além do lugar de fala extremamente necessário no desenvolvimento da pesquisa, o lugar de escuta das experiências das egressas se fez presente para anunciar o campo metodológico escolhido. Quatro mulheres Pretas narrando suas trajetórias por meio da participação de ‘rodas de afeto’ possibilitou a elaboração de Exprevivência, que nasce das próprias lacunas e fissuras que atravessam a história da educação brasileira.

As mulheres negras, apesar de representarem a base da escola pública, continuam invisibilizadas como produtoras de conhecimento. Enfrentam o racismo institucional, o machismo epistêmico e o constante questionamento de sua competência intelectual expressões de um sistema patriarcal que, atravessado pela interseccionalidade, perpetua inúmeros epistemicídios. Nesse contexto, as Exprevivências traduzem o entrelaçamento entre experiência e vivência das mulheres pretas, que, ao contarem suas histórias, produzem conhecimento e se afirmam como sujeitos epistêmicos, rompendo com o silenciamento histórico e o pacto da branquitude que as tenta apagar. Trata-se de um movimento de Expressão e Sobrevivência Coletiva (ESC), no qual as dores se transformam em verbo e as memórias subterrâneas ganham corpo, voz e sentido.

Nesse gesto, a ancestralidade é compreendida como o elo vital entre passado, presente e futuro torna-se fonte de saber e de cura, reafirmando que quanto mais os corpos negros se afastam de sua ancestralidade, mais se aproximam dos ‘mandos’ e ‘demandos’ da branquitude. Assim, ‘Exprevivência’ e ‘Escrivência’ trazem a mulher negra na primeira pessoa, confrontando as estruturas ditatórias do meio acadêmico, destoando da neutralidade amplamente utilizada. Apresentamos tais conceitos como um fenômenos diaspóricos que se tornam necessários para pensar em metodologias de pesquisa que amplifiquem narrativas de mulheres negras.

RODA DE AFETOS, GRIÔ DA CONTEMPORANEIDADE.



Fonte: Arte feita por uma das autoras da pesquisa

Ao longo do percurso da pesquisa de mestrado referendada, a memória se firmou como território fértil de formação, resistência e enraizamento. Nesse trecho discutiremos como as memórias subterrâneas foram socializadas e como surgiram as ‘rodas de afeto’ - etapa final do instrumental metodológico. As memórias subterrâneas, as Escrevivências e Exprevivências das professoras pretas egressas do Parfor não apenas recuperam o que foi apagado pela história oficial, mas também reconstruíram epistemologias próprias, tecidas entre o vivido e o sentido. Tais recordações não se limitaram ao passado: elas atuaram como força motriz de transformação e reexistência no presente. Ao revisitarem suas trajetórias, essas educadoras construíram um aprendizado que nasceu da experiência e se traduziu em potência formadora os “saberes de experiência”, aqueles que não se aprendem nos manuais, mas nos encontros, nas marcas e nas travessias. Para refletirmos em como as narrativas surgiram na pesquisa referendada, pensemos em que estão ancoradas as ‘rodas de afeto’. Primeiramente é preciso dizer que a ‘roda’ é genuinamente ancestral e dessa forma, está ligada a espaço em que histórias ecoam como tambores, onde cada batida é uma afirmação de existência e uma convocação à escuta. É nessa tessitura entre

memórias e vozes que se inscreve o papel do pesquisador como *Griô* contemporâneo: aquele que acolhe, transmite e transforma histórias em saberes coletivos.

A escolha da roda é, portanto, uma escolha ética de escuta e valorização da palavra narrada. Antes mesmo de explicar o termo *Griô*, é preciso reconhecer que esse movimento metodológico nasce da mesma raiz que sustenta as Escrivivências e as memórias subterrâneas: a oralidade africana. De acordo com Hampaté Bâ (2003), a África é como um velho que morre... é uma biblioteca que se queima. Essa frase, tão conhecida, sintetiza a força da tradição oral como guardiã do conhecimento, e inspira o entendimento de que as rodas de conversa são espaços vivos de transmissão intergeracional - lugares de cura e reconstrução simbólica. Ademais, na explicação do termo *Griô*, compreendemos que simboliza essa continuidade: a da mestra que narra, da professora que recorda e da ancestral que ensina. É nesse elo entre passado e presente que a memória se transforma em movimento de formação, sustentando a pesquisa referendada e dando-nos exemplo de como tal caminho metodológico torna-se exercício de escuta, pertencimento e emancipação.

Dessa forma, coadunam-se Escrivivência, Exprevivências, Memórias Subterrâneas e as 'rodas de afeto' como uma maneira outra do fazer científico. Nesse movimento, propõe-se, portanto, um caminho metodológico pautado na consciência racial positivada, em que o conhecimento nasce do corpo, da palavra e da coletividade. A roda, nesse contexto, é mais do que uma técnica de pesquisa é um ato político e espiritual. Nela, as vozes se cruzam, as histórias se entrelaçam e os sentidos se ampliam.

Desse modo, as 'roda de afetos' são os fios de conversas que unem todos os participantes, além de possibilitar o rompimento com a ideia de uma pesquisa que viesse com o objetivo pronto. Vale destacar a diferença entre a 'roda de afetos' e um grupo focal. Entendemos que em grupo focal exista uma ruptura entre o pesquisador e a pesquisa, uma vez que se trata da pesquisa sobre o outro, em que o pesquisador irá se debruçar sobre os achados dos outros. Já na 'roda de afetos' a pesquisa acontece de forma aberta, apesar de ter alguns direcionamentos. Não há um molde pré-determinado no que se quer produzir. Desse modo, na 'roda de afetos' a pesquisadora não quer trabalhar com categorias, com hipóteses, com coletas de dados. A pesquisadora quer trabalhar com produção de dados.

Assim, é importante destacar que os dados oriundos das 'roda de afetos' não estarão presentes para uma 'colheita', ao contrário surgem durante todo o processo. Muitas vezes essas conversas poderão nem ser de interesse imediato do pesquisador, podem parecer fios soltos. Entretanto, é necessária uma atenção especial, porque muitas vezes fios soltos abrem conexões com outras questões. E são nesses fluxos de ligações inesperadas que surgem as produções de dados. Pois, ao

reunir indivíduos com histórias de vidas diferentes e maneiras próprias de pensar e sentir de modo que os diálogos, nascidos desse encontro, não obedecem a uma mesma lógica. São as vezes, atravessados pelos diferentes significados que desperta em cada participante. (Warschauer, 1993, p.46)

Inspirada nas rodas de conversa, a 'roda de afetos' também conta com a função de coordenadora. Entretanto, a função não tem a intencionalidade de hierarquização, pois na roda de conversa acontece com um movimento circular, através de trocas, do poder de fala, do aprender com as diferenças. A 'roda de afetos' é uma ação dialógica, é algo que surge do desequilíbrio - é o experimentar memórias e experiências. Pode-se destacar, como uma das características da roda de conversa que

A roda é uma construção própria de cada grupo. Porém, isso não impede de refletirmos sobre algumas de suas características e implicações. Constitui-se num momento de diálogo, por excelência, em que ocorre interação entre os participantes do grupo, sob a organização do coordenador... (Warschauer, 1993, p. 47).

Desse modo, a importância de haver um coordenador, escolhido pelo grupo, é algo que auxilia o desenvolvimento da interação dos participantes. A possibilidade das partilhas, conversas, reflexões e pesquisas torna o processo mais integrado. Além de manifestar a concepção de os que fazem parte do processo se enlaçam, tornando as narrativas solos, em narrativas coletivas. Assim, o coordenador se torna ponte entre vários participantes e como elemento do grupo que amplia os universos individuais na direção das construções de intersubjetividade. No entanto, por deixar fluir, brotar, borbulhar narrativas, geram algumas discordâncias na Universidade, mas a autora Warschauer (1993) reitera que há nas rodas seriedade e profundidade, propiciando uma teoria vívida.

Essa teoria é uma possibilidade de vivenciar todo o processo, não apenas teorizar. E sob essa perspectiva de possibilidade em construir uma teoria vivida através da força do diálogo como construtor de conhecimento coaduna-se a Exprevivência e a Escrevivência. Assim, a metodologia apresenta como base principal o diálogo, possibilitando, portanto, oportunidades formativas. Trata-se de uma abordagem sensível que coaduna-se com as Escrevivências e com as Exprevivências por oportunizar a escuta das riquezas que emergem das falas das egressas, que, ao sentiressem-se seguras, socializaram suas trajetórias e apontaram novos caminhos para pensar pesquisa sobre formação de professoras no Brasil.

CONCLUSÕES POSSÍVEIS: o verbo que cura e continua

Encerrar este artigo é, de certo modo, reconhecer que nenhuma pesquisa que se sustenta na memória termina de fato. As reflexões aqui partilhadas certamente continuam a reverberar nas salas de aula, nos corredores das escolas, nas casas das mulheres negras que ousaram se ver e se escrever como sujeitas do saber. As vozes das egressas do Parfor/UFRRJ, da pesquisa aqui referendada, revelaram que a formação docente é também formação de si. As memórias subterrâneas que emergiram do instrumental metodológico aqui analisado, consistiram fios que conectam passado e presente, corpo e saber, vida e educação. Assim, cada 'Exprevivência' compartilhada se tornou um gesto de reconciliação com a própria história, rompendo com o pacto da branquitude que, durante séculos, buscou silenciar a inteligência e a sensibilidade negras.

Quando uma mulher preta fala de si, reescreve a história de muitas. Nesta caminhada, reafirma-se a força das metodologias afetivas. A 'roda de afetos', inspirada na tradição griô, mostrou-se espaço de comunhão e invenção. Ao contrário das pesquisas convencionais que extraem dados, ela produz sentidos. Na circularidade da roda, as hierarquias se dissolvem e o saber se faz no encontro. Essa prática se aproxima das epistemologias da diáspora, em que o conhecimento nasce do corpo, do canto, do silêncio e do afeto. As análises empreendidas nos permitiram compreender que, ao narrar suas trajetórias, as professoras pretas do Parfor não apenas denunciam as fraturas do sistema

educacional, mas produzem fissuras por onde passam luzes. Nesse sentido, não buscamos generalizar experiências, mas oferecer chaves interpretativas. Ao escolher o caminho das memórias subterrâneas, Exprevivências e da Escrevivência, optamos por mergulhar em um território onde o dado é emoção, e a evidência, humanidade. Um olhar, uma pausa, uma lágrima podem revelar universos inteiros.

Depreende-se, portanto, que o papel da memória na formação de professoras pretas periféricas é o de possibilitar enraizamento e movimento. Enraizamento porque as reconecta à ancestralidade compreendida como o vínculo espiritual, histórico e político com os que vieram antes, sustentando as novas gerações. Movimento porque as impulsiona a transformar dor em potência, ausência em presença, silêncio em palavra. Logo, intentamos na discussão metodológica aqui apresentada que as vozes dessas mulheres sigam ecoando como *Griôs* contemporâneas. Ademais, intentamos que a universidade aprenda a escutar o que antes julgava ruído. Que a pesquisa se abra metodologicamente para o canto, o corpo, o gesto e o afeto. Porque, afinal, quando a memória se torna verbo, o verbo se faz libertação.

REFERÊNCIAS

BERTH, Joice. O que é empoderamento? Belo Horizonte. Grupo editorial letramento, 2018. (Coleção Feminismo Plurais)

BEZZERRA, Paulo. Polifonia. In: **BRAIT**, Beth(Org.). **BAKHTIN**: conceitos-chave. 4^a ed. São Paulo. Contexto, 2008.p. 191-200.

BISPO, Ella F. e **Lopes**, Sebastião A. T. **ESCREVIVÊNCIA**: perspectiva feminina e afrodescendente na poética de Conceição Evaristo. Revista Língua & Literatura, v. 35, n. 20, p. 186-201, jan./jun. Acessado em Fevereiro/2018, de <http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistalinguaeliteratura/article/viewFile/2598/2436>.

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Rev. Bras.

Educ. [online]. 2002, n.19, pp.20-28. ISSN 1413-2478.

DUARTE, Constância Lima; **NUNES**, Isabella Rosado (orgs.). **ESCREVIVÊNCIA: a escrita de nós**, reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro. Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. Ponciá Vicêncio. Belo Horizonte: Mazza. 2003.

_____. Poemas da recordação e outros movimentos. Belo Horizonte: Nandyala. 2008.

_____. Becos da memória. Pallas Editora, 2017.

_____. **ESCREVIVÊNCIA: a escrita de nós**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FARIAS, Tom. **CAROLINA: uma biografia**. Malê, 2017.

GINZBURG, Carlo. Mitos, emblemas, sinais, morfologia e história. São Paulo. Companhia das Letras, 1992.

_____. História/Sinal/Diferença. Edição. Local. Editora, 1992.

_____; **HASENBALG, Carlos Alfredo**. Lugar de negro. Editora Marco Zero, 1982. Racismo e sexismo na cultura brasileira. Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984.

_____. **POR UM FEMINISMO AFRO-LATINO-AMERICANO: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020 [1979].

HAMPATÉ BÂ, Amadou. Amkoullel, o menino fula. São Paulo. Palas/Casa das Áfricas,

2003.

HOOKS, bell. ENSINANDO A TRANSGREDIR: a educação como prática da liberdade. São Paulo. Editora WMF Martins Fontes, 2013.

JESUS, Carolina Maria de. Quarto de Despejo: diário de uma favelada. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

KILOMBA, Grada. MEMÓRIAS DA PLANTAÇÃO: episódios de racismo cotidiano. Editora Cobogó, 2020.

NASCIMENTO, Abdias do. O genocídio do negro brasileiro. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1978.

POLLAK, M. Memória, esquecimento e silencia. Estudos históricos, Rio de Janeiro, n. 03, 1989.

_____. Memória e Identidade Social. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

SANTOS, Luciana Lis de Souza. Histórias de mulheres negras em contos de Miriam Alves. 2023.

SANTOS, Aline Pereira Botelho dos et al. Caminhos entrelaçados na escrivência: a trajetória de mulheres pretas egressas do PARFOR/UFRJ. 2022.

SOUZA, Ana Cristina Gonçalves ABREU. CONSTRUÇÃO DA EXPERIÊNCIA: contribuições para a formação docente. Revista Eletrônica Pesquiseduca, v. 14, n. 35, p. 727-741, 2022.

WARSCHAUER, Cecília. A Roda e o registro. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1993.